

**A expansão da Sociedade do Apostolado Católico  
no interior brasileiro da primeira metade do século XX:  
o papel da Igreja Católica na formação de uma cidade**

**NILTON PAULO PONCIANO\***

A religião católica está presente no sul de Mato Grosso de forma esparsa e fragmentada desde o século XIX<sup>1</sup>, e a sua intensificação ocorre após o primeiro quartel do século XX, quando acontece o incremento populacional da região, sobretudo decorrente dos projetos colonizadores oriundos da iniciativa privada ou estatal (MARIN, 2000).

Cabe destacar que, até meados dos anos 1930, toda a região que compreende atualmente os municípios de Ponta Porã, Dourados, Rio Brilhante, Maracaju, Fátima do Sul, Vicentina, Jateí, Glória de Dourados, Campo Grande, Coxim, Santana do Parnaíba, entre outros, fazia parte da diocese de Corumbá, e, ainda no início dos anos 1950, esta abrangia a imensa área de 360.000 km<sup>2</sup> conforme sugere padre Ládio Girardi,

[...] convém lembrar que naquele tempo (1953) a diocese de Corumbá englobava todo o sul do Mato Grosso, com as cidades de Campo Grande, Dourados, Três Lagoas, Coxim e outras, numa área de 360.000 quilômetros quadrados, portanto, maior que toda a Itália (GIRARDI, 1979, p.4).

Dessa forma, acredita-se que, procurando intensificar a presença do catolicismo no interior do estado de Mato Grosso, em meados dos anos 1930, o bispo da diocese de Corumbá, D. Vicente B. M. Priante, instituiu a criação da Paróquia Imaculada Conceição de Dourados, desvinculando-a da Paróquia São José de Ponta Porã, e a confiou aos freis franciscanos.

Segundo Jerry Marin (2000, p.348), os padres da ordem franciscana oriundos da Alemanha estavam atuando na diocese de Santa Cruz de Corumbá naquele período devido à perseguição religiosa ocorrida em seu país natal. E, mesmo interrompido o

---

\* Professor doutor do Instituto Federal do Amazonas- IFAM.

<sup>1</sup> A este respeito ver o trabalho de doutoramento do prof. Jerri Marin intitulado, “O acontecer e ‘desacontecer’ da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia”. 2000.

fluxo migratório no período da Segunda Grande Guerra, ele continuou após 1945. Para Marin

A expansão dos Franciscanos foi rápida, seja em recursos humanos, como no apostolado. Na diocese de Corumbá, assumiram as paróquias de Entre Rios [Rio Brilhante], Maracaju e Dourados, em 1938; Herculânea (atual Coxim) e Ladário, em 1939; Porto Murtinho e Santana do Parnaíba, em 1940; Aparecida do Taboado (1941); Campo Grande (1942), Itaporã, Cassilândia e Terenos, em 1956 (MARIN, 2000, p.349).

Note-se que, em 1938, os franciscanos receberam de D. Vicente Priante não somente a paróquia de Dourados como também as paróquias de Entre Rios e Maracaju. E somente a paróquia de Dourados correspondia a uma área de 20.000 quilômetros, abrangendo grande parte da futura Colônia Agrícola Nacional de Dourados.

No final da década seguinte, com a CAND já criada e delimitada a sua extensão, os migrantes começaram a chegar à região em quantidade considerável, e a presença da religião passou a ser não apenas uma necessidade deles, mas da própria Igreja, que tinha como missão levar a fé a territórios ainda “selvagens”.

Neste período, os padres Palotinos estavam se dirigindo para o interior brasileiro na tentativa de expandir seu campo de atuação. O objetivo da ordem Sociedade do Apostolado Católico (SAC)<sup>2</sup> era trabalhar com a catequização dos índios.

Em tal contexto dois fatores se complementavam: a expansão da fronteira agrícola do país, que levou à ocupação do interior brasileiro; e a expansão da ordem Sociedade do Apostolado Católico, que estava procurando novas áreas para atuação.

Segundo registros<sup>3</sup>, consta que, no início dos anos 1950, os padres palotinos estavam pregando missão no oeste do Paraná, quando souberam dos projetos de colonização acontecendo tanto naquele estado quanto em Mato Grosso. Assim, o padre José Daniel se deslocou até Campo Grande na tentativa de ir a Diamantino, pois queria “trabalhar com índios” (FIGHERA, 2004, p.6).

---

<sup>2</sup> Os padres da ordem da Sociedade do Apostolado Católico são conhecidos popularmente como palotinos, em razão de seu fundador ser São Vicente Pallotti. Esta ordem surgiu na Itália em 1846 e em 1886 chegou ao Brasil, acompanhando os imigrantes italianos que se instalavam no sul do país. Conforme o padre Ademar Luiz Fighera, o objetivo último da SAC é “[...] pela glória de Deus e salvação dos homens. É a força motriz de todo esse apostolado endereçado em reavivar a fé e a caridade na dúplici dimensão, espiritual e temporal” (50 ANOS DOS PALOTINOS... 2004, p.5).

<sup>3</sup> A esse respeito ver os escritos dos padres palotinos na revista Rainha, especialmente nos dois suplementos especiais lançados em comemoração aos 25 anos de presença dos palotinos no Mato Grosso e aos 50 anos, respectivamente.

Em Campo Grande, Pe. José Daniel encontrou o bispo da diocese de Corumbá, D. Orlando Chaves. Neste encontro ficou “apalavrado” que os padres palotinos expandiriam sua missão para o interior do sul de Mato Grosso, como observa o padre Ademar L. Figuera:

Diante do propósito obstinado de Pe. Daniel de trabalhar com os índios Dom Orlando o deteve dizendo-lhe que não precisava ir tão longe porque lhe daria duas grandes regiões com índios: Amambai, no sul do estado [Mato Grosso] e Colônia Federal, na região de Dourados [...] em meados de fevereiro de 1954, Pe. Casimiro Tronco e Pe. José Daniel visitaram a região e acertaram com o bispo Dom Orlando Chaves o atendimento de duas paróquias: Amambai e Colônia Federal” (FIGHERA, 2004, p.6-7).

Em maio de 1954, chegaram a Ponta Porã os padres José Daniel e Luis Augustino Ventrúsculo e, de lá, eles se deslocaram para as suas áreas de atuação. Inicialmente, a SAC destacou dois padres para atender as paróquias da Colônia Federal e Amambaí, sendo que José Daniel permaneceu em Amambaí alguns meses e depois se instalou na capela da Vila São Pedro, local da fundação da sede da administração da Colônia Agrícola Nacional de Dourados. No ano seguinte, chegaram mais três padres para fazer companhia a José Daniel e Luiz Ventrúsculo, foram eles: Amadeu Amadori, José Stefanello e Genésio Trevisan.

Segundo consta em um suplemento especial da *Revista Rainha*, o objetivo dos palotinos não era se estabelecer na Vila São Pedro, mas chegar ao local destinado para ser a cidade que se localizaria no centro da CAND, Glória de Dourados, que ficaria a aproximadamente 100 quilômetros da referida vila. Portanto, logo que chegaram, os padres se colocaram a caminho, juntamente com os migrantes, na tentativa de alcançar seu objetivo. Pe. Ládio Girardi corrobora com esta assertiva ao comentar que

Os palotinos penetraram nesta área, acompanhando os primeiros desbravadores. No projeto [da administração da CAND] fora prevista apenas uma cidade: Glória de Dourados – 180 quilômetros de Dourados – [sic] na qual seria instalada a sede. Como esta paróquia se destinava aos palotinos, Pe. Daniel só aguardava a abertura do caminho e a demarcação dos lotes para lá se estabelecer (GIRARDI, 1979, p.6).

Assim, nota-se que a religião está em consonância com o Estado, pois, como já observado anteriormente, a capela da Vila São Pedro, local provisório da primeira instalação dos palotinos, foi construída pelo Estado, além do que o projeto missionário dos padres – catequizar as famílias e educá-las na fé cristã católica – acompanhava a

marcha dos trabalhadores na busca da “terra prometida”, o centro da Colônia, local que estava previamente destinado para a ordem da SAC.

A SAC participou diretamente como ordem religiosa no processo de formação dos diversos núcleos urbanos que iam se criando no interior da CAND devido a dois aspectos: o primeiro tem relação com sua missão de expandir a fé cristã romana para o interior do Brasil; o segundo, que surge em decorrência do primeiro, acontece em função de esta ordem estar presente no cotidiano dos primeiros migrantes, servindo como auxílio espiritual e modelo organizacional, já que os migrantes chegavam de forma desordenada, sem planejamento, e os padres palotinos, que haviam traçado um plano de ação bem delineado a partir das vivências missionárias do sul do país, chegavam com a experiência de trabalhar com projetos de colonização, além de procurarem desenvolver sua política institucional, expandir a atuação a Igreja Católica.

As dificuldades em alcançar o centro da Colônia foram muitas, portanto, até atingir o seu objetivo central – chegar a Glória de Dourados ou alcançar seu pedaço de terra –, aquela marcha de homens, mulheres e crianças, depois de caminhar 30 quilômetros aproximadamente e atravessar o rio Dourados<sup>4</sup>, parava para descansar a cerca de 10 quilômetros da margem direita. Assim, o local logo passou a ser considerado a subsede da CAND por ser onde as pessoas paravam para descansar a fim de continuar seu intento. E, nele, foi construída a primeira Igreja Católica do interior da Colônia, a Igreja de SãoVicente Pallotti, cuja padroeira passou a ser Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos.

Contudo, dois anos antes, em 1953, a margem esquerda do rio Dourados havia recebido o nome de Vila Brasil por intervenção direta do frei Frederico Mies, da ordem Franciscana, mas ali ainda não havia igreja construída, pois as construções só acontecerão com a chegada dos padres palotinos. Vale lembrar, também, que ficou designada, a partir dessa data, que a santa protetora de Vila Brasil seria Nossa Senhora Aparecida.

Padre José Daniel, mesmo residindo na subsede (atual Vicentina), fazia atendimento aos moradores de Vila Brasil se deslocando até o ano de 1956. Porém, no

---

<sup>4</sup> A maioria dos migrantes que chegavam à margem esquerda do rio Dourados entre os anos de 1948 e meados de 1954 deixavam suas famílias ali e os homens atravessavam sozinhos em busca do seu pedaço de terra, posteriormente, quando já haviam cortado seu lote, retornavam e levavam toda a família. Entretanto, uma minoria continuava a marcha com a família, atravessando o rio em canoas ou em pequenas embarcações do gênero.

final de 1954, ele iniciou a construção da primeira capela de Vila Brasil, ainda do lado esquerdo do rio Dourados, e o primeiro padre a assumir a capela foi Amadeu Amadori, em dezembro de 1956, depois de ficar quase um ano na Vila São Pedro.

Passados três anos, chegou à Vila Brasil o padre José Pascoal Busato, que foi nomeado vigário cooperador em 1963, ano em que Amadeu Amadori foi nomeado primeiro pároco (LIVRO TOMBO..., 1963, P.3).

Porém, com a ocupação do lado direito da margem do rio Dourados, surgiu a necessidade de se construir outra Igreja do lado direito da cidade, e, em 1957, foi edificada a segunda Igreja Católica de Vila Brasil, próximo à praça central do vilarejo, denominada Nossa Senhora de Fátima, santa que passou a ser padroeira do local (LIVRO TOMBO..., 1963, p.3).

Com a ocupação do lado direito, não apenas foi construída outra capela como a primeira mudou de nome, passando a ser capela Nossa Senhora dos Navegantes. Além disso, houve, também, a mudança da padroeira protetora da Vila. Antes, a padroeira do povoado era Nossa Senhora Aparecida; depois da ocupação do lado direito, passou a ser Nossa Senhora de Fátima. A igreja definitiva da cidade teve suas obras iniciadas somente em 1964 a algumas quadras da praça no lugar mais no alto da cidade.

Entretanto, antes da construção definitiva da igreja, foi criada a Paróquia Nossa Senhora de Fátima de Vila Brasil por Dom Calos Schmitt, bispo de Dourados, conforme seu decreto de 31 de agosto de 1963:

Tendo em vista a densidade crescente da população desta Diocese, na sua zona rural, atendendo ao proveito espiritual maior de uma porção do querido rebanho confiado à nossa fraternal solicitude e desejando que os fieis vivam uma vida paroquial intensa de acordo com as diretrizes emanadas da Santa Sé, depois de ouvir os pareceres favoráveis dos respectivos vigários e seus superiores religiosos, por esse Nosso Desejo e usando da Nossa Jurisdição Ordinária, seguindo os cânones 1.427 e 1.428 do Código de Direito Canônico, havemos por bem criar, como de fato criamos, em território das paróquias de Nossa Senhora da Glória e São Pedro Apóstolo do Núcleo Colonial de Dourados, a paróquia de Nossa Senhora de Fátima de Vila Brasil (LIVRO TOMBO..., 1963, p.1).

As condições geográficas de operacionalização dos vigários no interior da CAND estavam dadas no início dos anos 1960. Todo o processo de instalação da instituição Igreja Católica estava consolidada neste período, havendo as paróquias Nossa Senhora da Glória de Glória de Dourados, São Vicente Pallotti de Vicentina e Nossa Senhora de Fátima de Vila Brasil. Contudo, a ação da Igreja junto aos migrantes não começa após a sua instalação. O trabalho de catequizar e de educar a sociedade ocorre

concomitantemente com o seu processo de fixação, o que ressalta o papel organizador da instituição.

O objetivo desta narrativa histórica será demonstrar que a esfera religiosa da sociedade em formação nos anos 1950, no interior do Brasil Central, especificamente no sul de Mato Grosso, construiu, por meio de sua interação com a esfera social, traços próprios que habilitam a visão religiosa de mundo ser condição *sine qua non* para a construção da sociedade em estudo. Alguns fatores que ancoram a leitura desta proposição podem ser percebidos claramente, ainda mais quando se constrói a compreensão do religioso por meio da relação com os outros campos sociais.

Dois fatores são preponderantes para esclarecer o papel da religião católica no processo de formação da cidade em estudo: o primeiro deles diz respeito aos instrumentos de integração social utilizados pela Igreja Católica, que acabaram por construir um **programa de ações** que determinava o modo de ser católico na sociedade; o segundo tem relação direta com o primeiro e faz referência à **atuação do padre** no cotidiano da cidade e procura destacar como a sua ação no interior da CAND foi crucial na relação entre prática religiosa e esfera social.

A análise dos dois fatores é um caminho propício para se entender o papel da Igreja Católica no processo de organização sócio-espacial de Fátima do Sul, por acreditarmos ser no interior das relações sociais construídas a partir das experiências de vida que se revela o grau de envolvimento da esfera religiosa na formação social de determinada sociedade.

Partindo de tal consideração, a discussão dos valores religiosos na formação sócio-espacial de uma cidade pode fazer mais sentido, uma vez que se está fazendo a análise em um contexto específico. No contexto mais amplo, é sabido que o fortalecimento da instituição Igreja Católica na sociedade brasileira foi uma realidade nas primeiras décadas do século XX, pois ela estava mais forte devido à romanização ser uma realidade, bem como à ampliação do número de dioceses em todo o país, ao aumento da quantidade de escolas católicas e ao restabelecimento do ensino religioso nas escolas públicas.

Como observa Ângela Paiva, o fortalecimento da Igreja Católica durante a República Velha e a Era Vargas é uma realidade inquestionável, porém o que deve ser destacado é o objetivo traçado pela Igreja naquele período:

O que existe é um movimento numa direção clara de maior atuação que se traduz por seus esforços em manter, e mesmo ampliar, sua esfera de influência na ordem social brasileira. Os esforços de D. Leme são todos nessa direção, culminando com a reforma educacional de Vargas de 1934, que reestabelece o ensino religioso nas escolas públicas do país. Por conseguinte, a Igreja se vale de um Estado cada vez mais regulador e centralizador para a manutenção de suas prerrogativas de religião oficial do país (PAIVA, 2003, p.58).

Assim, a idéia de que a prática católica tinha uma forte tendência assistencialista é uma hipótese não desprezada neste estudo, mesmo porque toda a ação católica se dava no sentido caritativo, mais paternal/amável do que educativo/transformador. “Nessa visão de mundo, o pobre [da primeira metade do século XX] era visto como objeto de caridade e motivava uma prática assistencialista...” (PAIVA, 2003, p.66).

No entanto, para desenvolver a prática assistencialista, a Igreja precisava construir uma visão de mundo junto à sociedade na qual estava atuando que se relacionasse com o seu projeto, e isso se daria por meio de instrumentos que reforçassem a integração social.

Dessa forma, procuramos analisar aqui quais foram os elementos utilizados pela Igreja Católica no interior da CAND que contribuíram não só para a integração social, mas, principalmente, para a concepção de mundo desta comunidade.

Sabemos que, para compreendermos o homem religioso, é necessário olhá-lo “de dentro”, como sugere Eliade: “[...] o único meio de compreender um universo mental alheio é situar-se *dentro dele*, no seu próprio centro, para alcançar, a partir daí, todos os valores que esse universo comanda” (ELIADE, 2001, p.65).

Os valores aos quais Mircea Eliade se refere dizem respeito aos conceitos que os seres humanos adquirem e formam nas vivências do seu dia-a-dia. Por sua vez, essas vivências têm como modelo um programa de ações previamente estabelecido que determina o comportamento coletivo da sociedade, isto é, que acaba por determinar a ação coletiva.

Com olhar específico à atuação da Igreja na CAND, na perspectiva de percebermos como o seu programa de ações contribuiu para a formação do lugar, notamos sua presença em duas frentes: no projeto de sociedade traçado pela instituição e na ação dos padres.

Tal projeto de sociedade da Igreja Católica para a CAND estava claramente definido nas preocupações com a sociedade, ou seja, estava relacionado ao trabalho

social desenvolvido pela Igreja Católica na Colônia Federal, tanto na zona rural quanto nos pequenos núcleos urbanos que estavam se formando.

É sabido que a frente de atuação da SAC na CAND estava direcionada às várias esferas sociais, indo do atendimento espiritual, como ensinar o “nome do pai”, batizar e celebrar missa, até aspectos mais corriqueiros do dia-a-dia, como hábitos de higiene pessoal.

A preocupação com o atendimento espiritual é indiscutível em relação a qualquer igreja, e, antes mesmo da chegada dos palotinos, os freis franciscanos passavam esporadicamente no vilarejo para cumprir essa função e celebrar missas e batizados.

Há vários registros no Livro Tombo da Igreja Católica que denotam a preocupação: “A 21/2/1954 Frei João Damasceno celebrou 2ª missa em vila Brasil, administrando 18 batismos. A 2/5/01954 Frei João Damasceno celebrou a 3ª missa, tendo nesta ocasião administrado 19 batizados” (LIVRO TOMBO..., 1963, p.5).

Passados dez anos, observou-se que esse tipo de atendimento foi intensificado com a chegada e a fixação dos palotinos na Vila. No relatório da paróquia de 1963, registra-se que foram realizados 750 batizados, 92 casamentos, 15.000 confissões, 120 primeiras comunhões, 28 unções, 21 viáticos, além de óbitos, pregações, catequeses, visitas às capelas e crismas (LIVRO TOMBO..., 1963, p.6).

Assim, de maneira geral, acredita-se que o padre é um personagem imprescindível para se pensar a Igreja Católica no Brasil da primeira metade do século XX e a formação da CAND em particular, mesmo considerando-se que o seu papel no interior da Igreja representa hierarquicamente o de um membro que, em geral, possui autonomia limitada em relação às instâncias superiores. Sugere Mainwarring que o quadro se alterou um pouco a partir do fim da década de 1960, quando os movimentos leigos organizados, os agentes pastorais (padres e freiras e laicato) e os institutos eclesiais passaram a assumir importância capital no processo de aproximar a Igreja das camadas populares e de levar até ela um modelo de sociedade.

Destarte, lembrar que a Igreja Católica tinha como uma de suas características “promover uma presença mais marcante na sociedade” (MAINWARRING, 2004, p.42) faz-nos refletir, necessariamente, sobre a importância dos agentes pastorais – de forma específica os padres – para a implantação da política teológica pensada para o Brasil na primeira metade do século XX, uma vez que se tinha como missão “[...] cristianizar a

sociedade e conquistar maiores espaços dentro das principais instituições imbuindo todas as organizações sociais e práticas pessoais de um espírito católico” (MAINWARRING, 2004, p.45).

Neste contexto, o clero passa a ser pedra angular na comunicação entre a hierarquia eclesiástica e as diversas camadas da sociedade, pois se preocuparia com o papel de “pastores” que encaminhariam o povo à superação de sua deficiência religiosa<sup>5</sup>, tirando, assim, a sociedade da ignorância e transformando-a.

A proposta da Igreja Católica para a transformação da sociedade em estudo era contribuir para a superação de suas limitações pautada no princípio pedagógico de que o homem comum, o ser humano “ordinário”, nada tinha a ensinar, e o padre, ser superior, tinha que elevar a fé rudimentar ao nível da sua própria. O padre era um verdadeiro pastor.

Sobre a ação pedagógica dos padres segundo a Igreja Católica da primeira metade do século XX comenta Scott Mainwarring: “O processo de aprendizado era tão hierárquico quanto a estrutura da Igreja: o padre concedia o seu saber ao rebanho. O paternalismo estava explícito na linguagem religiosa do período. Os padres assumiam o papel de pastores que iriam guiar o rebanho” (2004, p.51).

Assim, é notório que essa profissão era reconhecida e privilegiada naquela sociedade. Segundo Novaes e Mello, na década de 1950, a figura do padre ainda estava entre as melhores profissões na hierarquia social. Comentam que “a alta avaliação do padre reflete a presença ainda decisiva da Igreja e dos valores católicos na constituição da subjetividade e das formas de compreensão do mundo” (MELLO; NOVAIS, 1998, p.558).

De maneira simétrica, não seria difícil dizer que o panorama amplo apresentado por Novaes e Mello está presente, também, no interior brasileiro, ainda mais se pensarmos que o migrante é, antes de tudo, um ser que tem fé.

No entanto, a figura do padre deveria corresponder a um estereótipo: deveria ser um homem simples, mas de personalidade não tacanha, virtuoso, com conduta

---

<sup>5</sup> Segundo Scott Mainwarring (2004, p. 51), o que poderia ser conceituado como deficiência religiosa da sociedade nas primeiras décadas do século XX diz respeito a outras práticas religiosas (protestantismo e espiritismo) que começaram a crescer neste período no Brasil. Observa o pesquisador que “*Práticas religiosas populares que a igreja desprezara previamente ou até mesmo aprovava tacitamente começaram a ser desaprovadas. A visão predominante era de que a Igreja necessitava lutar contra esta ‘religião’ primitiva e implantar uma fé mais madura*”.

irreparável, educado e religioso, pois, assim, ao mesmo tempo em que estaria convivendo no cotidiano das pessoas comuns, manteria a distância delas por meio do respeito e da obediência do leigo ao clero, e seria o pastor quem conduziria seu rebanho ao caminho da salvação eterna.<sup>6</sup>

Dessa forma, parte-se da hipótese de que a política pedagógica religiosa da Igreja Católica da primeira metade do século XX se fez presente no processo de formação de Fátima do Sul tanto por intermédio do programa de ações da Igreja Católica, que conduziu politicamente a cidade, desde a sua origem até a sua emancipação política, quanto na construção de uma ética moral católica na vida familiar de seus moradores, desenvolvida pela atuação dos padres.

Se, como observa Mainwarring (2004), a política católica era triunfalista e tinha como missão salvar a sociedade das mazelas que a acometiam. Caberia à Igreja, por intermédio de seus pastores, o papel de educar a sociedade e participar da vida política local.

Os documentos aqui analisados mostram evidências da aproximação entre Igreja e Estado, procurando mostrar que ambas se constituem, por vezes, em uma única instituição, o que corrobora com a assertiva de que a Igreja assumia o papel do Estado no processo de formação da região ora estudada ante a inoperância deste.

Em 13 de maio de 1962, uma matéria veiculada na coluna “*Palavras de Vida*”<sup>7</sup> do jornal O Progresso deixa transparecer o conceito de Estado que a Igreja defendia. Partindo da construção de uma imagem que aproxima o exemplo de mãe cristã ao modelo de Estado perfeito, percebe-se que este será alcançado quando estiver sob a doutrina do cristianismo, senão, vejamos:

De certo modo, mais do que qualquer técnica, mais do que o exército, é ela [mãe] quem pari para o Estado os futuros agricultores, artífices, soldados, é também ela o primeiro Mecena dos futuros Orácios [sic] da própria pátria. Grande verdade, portanto, exprimia Cícero quando falava: “a família é o seminário dos Estados”. Mas a mãe só se torna educadora maravilhosa quando é mãe cristã. [...] E aqui, os benefícios da mãe cristã ao Estado são

---

<sup>6</sup> A preocupação da Igreja da Neocrístandade com a salvação do homem frente a outros modos de vida, especificamente o moderno, levou Scott Mainwarring (2004, p. 46) a argumentar que “[...] a missão da Igreja da Neocrístandade era triunfalista [...] A Igreja queria conquistar o mundo. A missão da ação católica era de ‘restituir a Nosso Senhor Jesus Cristo o mundo moderno’. ‘Ganhar católicos’ e competir com outras religiões eram desafios que assumiam importância considerável”.

<sup>7</sup> Esta coluna era destinada às publicações da Igreja Católica que, em sua maioria, eram discursos cristãos direcionados, sobretudo, à família.

óbvios se atentarmos para a prioridade que a pessoa deve ter sobre o Estado: pois terá como consequência lógica a estrutura do Estado como modo daquela (JORNAL O PROGRESSO, 1962, p.7).

Entretanto, os discursos da Igreja não estavam reservados somente às questões relativas ao Estado enquanto instituição política. Ao analisarmos as matérias publicadas no já citado jornal, vemos que os assuntos são diversos, mas possuem sempre a mesma preocupação: educar, ensinar, esclarecer e orientar, ou seja, construir um modo de vida. E matérias com títulos como “*Juízos temerários*”, “*A família como sociedade maravilhosa*”, “*Libertação sexual*”, “*Mãe, mãe cristã e o Estado*” diziam respeito aos aspectos sociais que incomodavam a Igreja em tempos de mudança, além de traçarem diretrizes para as suas ações.<sup>8</sup> Assim, assuntos referentes à reforma social, à libertação sexual, aos princípios da família cristã, ao papel da mãe e da mulher na família eram comuns na coluna.

Cabe lembrar que estamos analisando um tempo histórico considerado como um período em que a sociabilidade moderna se implantava no Brasil. Os valores desse modo de vida e, por conseguinte, a dessacralização do mundo são questões de ordem na década de 1950 e 1960, e, neste contexto, o confronto entre o modo de vida do homem religioso e o do homem não religioso é uma realidade, ainda mais se considerarmos que este nega a transcendência e que é, por excelência, homem histórico. Nesse sentido, comenta Eliade que

O homem moderno a-religioso assume uma nova situação existencial: reconhece-se como o único sujeito e agente da História e rejeita todo apelo à transcendência. Em outras palavras, não aceita nenhum modelo de humanidade fora da condição humana tal como ela se revela nas diversas situações históricas. O homem *faz-se* a si próprio, e só consegue fazer-se completamente na medida em que se dessacraliza e dessacraliza o mundo. O sagrado é o obstáculo por excelência à sua liberdade. O homem só se tornará ele próprio quando estiver radicalmente desmistificado. Só será verdadeiramente livre quando tiver matado o último Deus (ELIADE, 2001, p.65).

Os valores do modo de vida moderno sendo implantados no Brasil durante o século XX perpassam o conflito a que Eliade se refere. As pessoas estavam preocupadas

---

<sup>8</sup> A década de 50 e metade da década seguinte podem ser consideradas como a fase do otimismo, pois várias transformações estavam ocorrendo na economia, na política e na sociabilidade brasileira. Segundo Mello e Novaes (1998, p.560-61), naquele período, “*Entre 1945 e 1964, vivemos os momentos decisivos do processo de industrialização, com a instalação de setores tecnologicamente mais avançados, que exigiam investimentos de grande porte; as migrações internas e a urbanização ganham um ritmo acelerado*”.

com a sua condição social a ser medida pela capacidade de aquisição de bens materiais, pela adoração aos bens terrenos e pelo comportamento individual e anticlerical. A sociedade em formação durante o segundo quartel do século XX no Brasil estava em sintonia com o discurso moderno que a Igreja Católica procurava combater.

Cabe discutir aqui a necessidade que a Igreja sente, frente à disseminação do modo de vida moderno, de preservar e de divulgar sua doutrina de vida e, conseqüentemente, de expandi-la a partir de um programa de ações a ser desenvolvido junto à comunidade. Para tanto, a Igreja utiliza-se dos meios de comunicação e da participação direta na vida política da sociedade.

A participação da religião na política e no cotidiano dos migrantes que chegavam à CAND é percebida desde o começo do povoado. Note-se no Livro Tombo da Igreja Católica que há inúmeros registros constatando tal presença. Um dos registros diz respeito à visita pastoral do bispo diocesano Carlos Schmitt à matriz de Vila Brasil e suas capelas, cuja finalidade era cristianizar. Vejamos: “/.../ considerando a ignorância religiosa do nosso povo, resolvemos dar à visita um cunho de s. missões [**santa missões**], com várias pregações. Visitamos as três capelas da paróquia e a matriz, constatamos a boa vontade do nosso povo humilde” (LIVRO TOMBO..., 1963, p.10. Em negrito acréscimos meus).

Durante essa década, há várias passagens documentadas no Livro Tombo que descrevem a participação da Igreja Católica em obras e em festejos sociais, assim como na construção do hospital e maternidade da cidade, na educação escolarizada, nos esportes e nas festas religiosas. Uma das anotações analisadas, e que vale a transcrição literal, constata que

A 20/07/64 foram reiniciados os trabalhos de construção do hospital e maternidade, que há um ano estava paralisada. Este hospital que passou a ser propriedade do “Movimento Social Palotino” está sendo acabado com numerários que vem de uma benfeitora da suíça, através do padre Baur. A construção está recebendo o telhado, o equipamento será dos Estados Unidos (LIVRO TOMBO..., 1963, p.12-3).

Cabe observar nesta nota que a obra foi retomada e assumida pela Igreja, demonstrando, assim, o poder de organização da Igreja Católica. Tal registro torna claro que a Igreja desenvolvia, com certa constância, as funções do Estado na região, angariando fundos mesmo que no exterior.

Já no início da década de 1950, a Igreja Católica e o povoado que nascia no interior da CAND mantinham uma relação de cumplicidade. Note-se que, inicialmente, esse núcleo populacional era chamado de Porto Ubatuba, e as famílias que se dirigiam para o lugar se acomodavam em ranchos de sapé e barracos. E, em 1953, quando um frei franciscano, Frederico Mies, deslocou-se até o povoado para celebrar uma missa, foi indagado pelos ouvintes sobre como deveria se chamar aquele local, ao que respondeu sugerindo o nome Vila Brasil. Assim, o Porto Ubatuba acabara de alterar seu nome com a participação direta da Igreja. Vejamos o que registrou o padre Amadeu Amadori:

O nucleozinho aumentava dia a dia. Aparecia gente de quase todos os estados do Brasil, assim, que pelos fins de 1953, já era um povoado, o maior de todo o Núcleo Colonial. O padre foi convidado para rezar missa. A 8 de novembro de 1953, à quatro horas da tarde, frei Frederico Mies, celebra a 1ª missa neste local, bem na barranca esquerda do rio Dourados, a uns 20 metros acima da atual ponte, em frente do escritório dos agrimensores, feito pela administração da Colônia, sendo então a única casa de tábuas existente. Assistiram a essa 1.ª missa local mais de 500 pessoas. Vendo tanto povo simples, mas cheio de fé e devoção, provindo de quase todos os recantos do Brasil, frei Frederico lançou a idéia de denominar este lugar de “Vila Brasil”. Entre palmas e vivas, o nome foi aprovado por todos os presentes, como uma mensagem do céu (LIVRO TOMBO..., 1963, p.4-5).

Igualmente, a obra “*História de Fátima do Sul*”, da Profª. Cláudia Capilé, assim como a dissertação de mestrado “*Um olhar nos crimes de sedução: a mulher da família de Fátima do Sul (1967-1977)*”, comungam a idéia de que a primeira troca de nome da cidade aconteceu em função da presença marcante do representante da Igreja Católica que conseguiu aglutinar a favor da sua ideia as famílias presentes naquela tarde de novembro.

Em 8 de novembro de 1953, aproveitando a presença do Frei Frederico Mies, que aqui viera para rezar uma missa, solicitaram-lhe sugestão para o nome que identificasse adequadamente aquele povoado. Nomes como Barranca, Porto Vitória e Porto Ubatuba (como até então era chamado), não satisfaziam os moradores. “Porque não Vila Brasil?” indagou o Frei, lembrando-lhes as suas mais diversas origens. Não houve qualquer contestação. Foi como o se todos já estivessem aguardando este nome. A partir de então, o lugarejo já tinha sua verdadeira identidade: Vila Brasil (CAPILÉ, 2000, P.15).

Uma leitura desses escritos e de outros<sup>9</sup> reforça o entendimento do papel do projeto colonizador traçado pela Igreja para a região, bem como a importância do padre

---

<sup>9</sup> Há vários textos que descrevem a passagem histórica da troca de nome de Porto Ubatuba para Vila Brasil. Dentre eles, podem ser citados o artigo “*Um rio no meio do caminho: aspectos históricos de Fátima do Sul*” e a monografia “*Breve histórico sobre a formação do município de Fátima do Sul (1940 a 1970)*”.

da Sociedade do Apostolado Católico no processo, uma vez que a SAC preenchia as lacunas abertas pela não-presença do Estado.

### **FONTES ORAIS**

ENTREVISTA Lair Nunes de Araújo (fita cassete). Produção: Nilton Paulo Ponciano, Vicentina, 23/08/1999.

ENTREVISTA Josefa Ferreira de Oliveira (fita cassete). Produção: Nilton Paulo Ponciano, 28/08/2001.

ENTREVISTA Amadeu Amadori (fita cassete). Produção: Nilton Paulo Ponciano, Deodápolis, 18/08/2002.

### **FONTES ESCRITAS**

ESTATUTO da primeira Igreja Evangélica Batista de Dourados – Mato Grosso. **O Progresso**, Dourados, p. 2, 17 de fevereiro de 1952.

Mãe, Mãe Cristã e o Estado. **O Progresso**, Dourados, p. 3, 13 de maio de 1962.

A família como sociedade maravilhosa. **O Progresso**, Dourados, p. 3, 20 de janeiro de 1963.

### **REFERÊNCIAS**

CAPILÉ, Claudia. **História de Fátima do Sul**. Dourados, editora Seriema, 2000.

DECRETO de criação da Paróquia Nossa Senhora de Fátima de Vila Brasil. In: LIVRO TOMBO..., 1963,p.1.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.135.

FIGHERA, A. L. Os palotinos no Brasil. In: **Revista Rainha**. Editora Pallotti, 2004. p.6. (suplemento especial - 50 anos dos palotinos no Mato Grosso do Sul).

GIRARDI, L. L. No princípio era a selva: 25 anos de missões palotinas no Mato Grosso. In: **Revista Rainha** – suplemento. 1979, p.4.

LIVRO TOMBO da Paróquia Nossa Senhora de Fátima de Vila Brasil, 1963. p.3.

MAINWARING, S. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)**. Trad. Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo : Brasiliense, 2004. p.42.

MARIN, J. R. **O acontecer e ‘desacontecer’ da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia**. 2000. 566p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Assis.

MELLO, J. M. C. de.; NOVAIS, F. A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, F. A. (Coord.) **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo : Companhia das Letras, 1998. p.588.

PAIVA, A. R. **Católico, protestante, cidadão**: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos. Belo Horizonte : Ed. UFMG, 2003. p.58.